

SINÓPSE CRONOLÓGICA DA TAUROMAQUIA PORTOMOSENSE.

Nunca se escreveu a história cronológica da tauromaquia portomosense, em livro ou monografia. Há apenas capítulos, pontuais, em publicações como “Cumeira de ontem e de hoje”, “Lisboa das Toiradas” ou o próprio livro de Diamantino Vizeu, citando o seu amigo de Mira de Aire, Etelvino Laureano, entre outras edições que referem Porto de Mós, a propósito de eventos ou personalidades da festa brava (1).

Contudo, os apontamentos publicados em jornais como O PORTOMOSENSE (fundado em janeiro de 1983) repescam esse histórico, embora tenham existido outras publicações como A Voz do Domingo, O Mensageiro (centenários) e O ALCOA (fundado há mais de 70 anos) que foram dando notícias da tauromaquia em Porto de Mós.

A partir da sua fundação, O PORTOMOSENSE prestou um relevante serviço na divulgação das notícias taurinas e investigação sequente, existindo mesmo uma rubrica intitulada O PORTOMOSENSE TAUROMÁQUICO, que durou alguns anos.

Do que se conhece, começamos pelos séculos XVIII e XIX e pela ligação do concelho às rotas dos touros que estacionavam em RIO ALCAIDE - Porto de Mós - muito antes de se conhecerem os transportes motorizados, que acomodam os touros na atualidade, conduzindo-os às praças. Essas rotas eram muito precisas e metodicamente preparadas, rendendo-se as montadas e campinagem nas imediações do Rio Lena, com um reforço de cavaleiros frescos e habituados à campinagem, oriundos das quintas de Ricos Vales e Quinta do Pataeiro. O percurso do Ribatejo até à Nazaré, por exemplo, ainda hoje é conhecido com exactidão, estacionando sempre em Rio Alcaide, a manada de toiros, cabrestos e aparatosa logística da época, que levava magotes de populares a esperarem durante horas, empoleirados nas árvores e apinhados na encosta dos Toirões da Corredoura (hoje, aldeia de Tourões), para verem passar os toiros.

Quanto a corridas de toiros, sabe-se quem foram os mentores da praça de toiros do ROSSIO de PORTO de MÓS, graças a uma minuciosa investigação, levada a cabo pelo escritor Alfredo de Matos, saudoso colaborador de João Matias, no quinzenário de Porto de Mós.

Foi uma praça de toiros associada ao nome de Augusto Maradas, que a inaugurou em Junho de 1860, mas nesse mesmo Verão perderia a vida na sequência de uma colhida mortal na praça do Sítio da Nazaré.

Porém, o século XX foi áureo em inaugurações de praças de toiros na vila de Porto de Mós:

I - A primeira, pertenceu à Empresa Mineira do Lena, sendo notícia nos jornais centenários O Mensageiro e Voz do Domingo, por terem atuado ali os fidalgos de Leiria (irmãos ATHAYDE), mas ainda hoje há depoimentos verbais alusivos ao “comboio da tourada” que circulava com maior intensidade de horários entre a Batalha e Porto de Mós, nos dias em que havia corrida. As crianças de então, que vinham aos touros pelo São Pedro e não pagavam bilhete acompanhados por adultos, são hoje octogenários, que recordam essas touradas.

No pós-guerra terminou o combóio e as touradas, mas permaneceram as vacadas.

II - A segunda praça de toiros do século XX, foi inaugurada pelo cavaleiro de alternativa, José Zúquete, de Leiria, em 1970. Durou apenas quatro anos, pois encerrou a sua atividade no pós-25 de Abril. Contudo, em 1974 ainda se empreendeu um último cartel, em 29 de de Junho de 1974, com o jovem João Moura.

Contudo, sempre que se verificava a ausência de praças fixas ou desmontáveis, havia sempre festa brava: - picarias, vacadas, ou largadas.

Antes da inauguração referida em epígrafe (1970) vivia-se uma euforia memorável com espetáculos sério-cômicos empreendidos no espaço onde está hoje implantada a Cooperativa Fruteira, em espaço nobre dispensado por Adelino Reis, um aficionado ímpar em Porto de Mós. A título de exemplo, aqui fica o último cartaz de domingo, dia 29 de Junho de 1969, com garraios puros de Plácidos e Barbeiros, a melhor trupe cômico-aurina da época em Portugal, os novilheiros da Golegã, com a estrela Manuel Valente do ZIP-ZIP, (o programa com mais audiência, à época, na TV), a Banda Recreativa Portomosense e outros motivos de interesse, capazes de trazer uma multidão de forasteiros às festas de S. Pedro.

III – A última praça de toiros de Porto de Mós nunca foi concluída, apesar de ter um projecto que obteve a aprovação da D.G.E. (atual IGAC) e da Câmara Municipal, com as bancadas de sombra em madeira, mas inacabada nos setores de SOL. As ruínas em alvenaria ainda existem, nos dias de hoje.

Durou apenas 10 anos, pois os terrenos – lotes M5, M6, M9, M10 e M11, foram doados à C.T.P (Cooperativa Tauromáquica Portomosense) pelo município, mas a escritura nunca se realizou devido a um conflito de vizinhança, em que se arvorava o direito de propriedade de parte do lote M11.

Todavia, é a praça de toiros de que existe mais documentação, por várias razões:

- a) – A inauguração data de 1984 (domingo, 1 de Julho). Como tal, a sua história é recente – 35 anos apenas – e foi empreendida por uma Cooperativa Tauromáquica Portomosense, de que faziam parte uma centena de sócios.
- b) – Foram elaboradas, actas, foram publicados muitos artigos de opinião na imprensa nacional, regional e local, em particular, após a fundação de O PORTOMOSENSE de João Matias, sempre solidário com a festa brava em Porto de Mós. Também permaneceu no ar uma rubrica radiofónica na Rádio Dom Fuas, coordenada por Zeca Vigário.
- c) - Fundaram-se as primeiras tertúlias de aficionados no concelho e efetuaram-se duas exposições tauromáquicas no Salão Nobre da Câmara Municipal e no Museu local.
- d) – Ressurgiram vários cavaleiros amadores e profissionais no concelho, desde a Cláudia (Pedreiras), ao Miguel (Juncal) ou J. Cerejo, que fez a prova de praticante em Porto de Mós e tirou a alternativa em Cascais, sagrando-se o primeiro profissional de alternativa na região. No toureio a pé, surgiram vários novilheiros, desde Hugo Ângelo e seu irmão, até Joel Piedade, que renunciou a novilheiro para se tornar bandarilheiro, profissão que ainda exerce com grande brilhantismo. Também nas ramagens surgiram mais de uma dezena de forcados amadores no concelho.

e) – Como nota final desta sinopse, não podemos esquecer algumas localidades do concelho, que tiveram figuras do mundo taurino:

1 - Mira de Aire – terra natal de Etelvino Laureano, homenageado em Abril de 1994 em festival taurino promovido na vila. Foi novilheiro e mentor da carreira do 1º matador português - Diamantino Vizeu, cuja mãe era de Mira de Aire.

Etelvino, renunciou a novilheiro, passou a bandarilheiro das mais ilustres figuras e foi diretor de corridas. Faleceu em Azambuja.

2 – Cumeira – pequena aldeia do concelho com festa brava regular desde 1977, onde existiu uma ganadaria brava. Tem desde há 42 anos a tradição de um forcão ligeiro e único, pelo seu maneio fácil. Aí têm atuado toureiros amadores, a pé e a cavalo, contemplados com a lide de reses puras. Aí viveu José Trincheira, onde foi homenageado em 2013.

Existiu ainda, um grupo de forcados amadores no Juncal.

3 – Desde as aldeias serranas do concelho, até aos limites de Alcobaça, houve vacadas em: Pedreiras, Juncal, Andam, Casal do Alho, Picamilho, Cruz da Légua e Boieira.

(1) Livro do Centenário do Campo Pequeno (1992); História Breve DA TAUROMAQUIA (1978); UM SÉCULO DE TOUREIO EQUESTRE EM PORTUGAL (1996)... entre outras publicações.